

# FH volta a atacar 'fracassomaníacos'

ANDRÉ LACERDA

Enviado especial

MONTEVIDÉU – O presidente Fernando Henrique Cardoso desdenhou, ontem, das previsões sobre o crescimento da economia brasileira no próximo ano divulgadas na terça-feira pelo Banco Mundial (Bird). Ele disse que continua acreditando que o Produto Interno Bruto (PIB) do país pode elevar-se em, pelo menos, 4% em 2000. “As previsões catastróficas não têm base no élan da sociedade e da economia brasileiras. Eu acredito que temos condições de crescer 4% no próximo ano. Quanto iremos crescer depende da

confiança que temos em nós próprios”, afirmou, após o encerramento do encontro de cúpula entre os presidentes dos países que compõem o Mercosul e do Chile.

Em estudo divulgado na terça-feira, o Bird estimou que a economia do país deverá expandir-se apenas 2,5% em 2000. O resultado, segundo a entidade, representaria uma recuperação frágil do país e do continente, depois da crise financeira internacional. Segundo Fernando Henrique é difícil acertar antecipadamente os números de desempenho da economia. “Os prognósticos são vagos e normalmente se equivocam. É de boa-fé, mas quem terá razão? Só a História di-

rá”, comentou. “Para este ano, todas as previsões foram pessimistas e os resultados vão ser positivos.”

No balanço que fez aos chefes de Estado da Argentina, Carlos Menem; do Uruguai, Julio María Sanguinetti; do Paraguai, Luis Gonzalez Macchi; e do Chile, Eduardo Frei, o presidente brasileiro reconheceu as consequências negativas para as economias da região trazidas pela desvalorização do real. O assunto foi abordado por todos os presidentes nas avaliações que fizeram sobre aquele que foi considerado o pior ano do Mercosul desde sua implantação, em 1995.

O presidente garantiu, contu-

do, que as perspectivas para o próximo ano são mais positivas, dada a recuperação dos índices que acompanham o desempenho da economia brasileira. Ele citou os resultados da política macroeconômica em 1999 como positivos: uma inflação sob controle – em torno de 8% – e taxas de juros bem menores do que as praticadas no auge da crise.

“Imaginava-se que o país chegaria ao final do ano com recessão de até 4%. Alguns falaram em 6%, 7%. São os fracassomaníacos, como eu costumo dizer. Na verdade, chegaremos com crescimento levemente positivo na taxa”.